

Azânia. Garota, moça, menina. Muito mais menina do que todas as que eu já conheci e do que aquela que eu própria fui aquando dessa fase da vida. Essa menina por onde todas as mulheres passam, às vezes em plena consciência, outras vezes em sonâmbulo esquecimento, deambulando num quase estado de zombificação.

Na loja, onde ela, Azânia, trabalhava havia um balcão. Por detrás desse balcão Azânia maneava-se com a rapidez de uma quase escrava, embora já há muito a carta de alforria tivesse sido concedida à sua família, fazendo dela em verdade um ser possuído de completa *free will*, um ser sem aparente razão para continuar a andar ao controlado compasso de ferros e cadeados, impiedosos impedimentos que outrora tinham prendido os frágeis tornozelos e pulsos dos seus familiares, homens e mulheres. Durante séculos e séculos como se não houvesse Deus, ou este andasse mudo. E a verdade é que Azânia tinha belos tornozelos e pulsos também. Membros que só damas da alta sociedade podem possuir. Esses tornozelos e esses pulsos eram adornados por pulseiras de carácter muito único. Tão único que faziam com que os clientes daquela loja viessem de muito longe para ouvir a música que eles evocavam, propulsionados pela energia vital que corria dentro de todo o corpo de Azânia. A bela Azânia. Descendente de escravos.

Escravos liberados pelo senhor do engenho que de repente tinha descoberto que o seu direito de possuir outros seres humanos era repelente. Mais cobra que cobra, mais inconcebível que concebível. Tão repelente, tão inconcebível de facto, que uma manhã acordou com aquela náusea central que invadia todo o seu longo, obeso e hediondo corpo: de alto-abaixo-acima. Uma náusea que lhe causou graves e profundos arrancos de vômito e fez com que ele corresse apertando o estômago para a casa de banho, casa de banho esta toda forrada de um macio e cintilante branco: uma prata e um ouro a minas estrangeiras roubados. Aí, nesse espaço, onde todos nós encontramos a paz e o sigilo que permite ao corpo evacuar o esterco que acumulou em vida, aí nesse espaço, o senhor do engenho pôs a cara dentro da imaculada sanita, limpa diariamente por Mariana Maria, escrava de longo tempo, mãe direta de Azânia, aí pôs a cara ejetando todo o mal que lhe comia o seu adentro. Tal ato foi de muito longa duração pois parecia que ele, aquele senhor do engenho, tinha dentro de si séculos e séculos de porcaria, porcaria essa que não só pertencia a ele, mas também aos muitos que, como ele, ou seja, compadres da mesma liga que compravam presentes na mesma loja, se tinham dedicado ao tráfico de carne humana, piores que canibais vorazes em estado de permanente esganação, imóveis vivos, quezilados pela fome visceral que não conhece fim.

*Irene Marques is a bilingual writer (English and Portuguese) and Lecturer at Toronto Metropolitan University in the Department of English, where she teaches literature and creative writing. She holds a PhD in Comparative Literature, a master's degree in French Literature and Comparative Literature and a BA (Hon.) in French Language and Literature, all from the University of Toronto, and a Bachelor of Social Work from Ryerson University. Her creative writing publications include the poetry collections *Wearing Glasses of Water* (2007), *The Perfect Unravelling of the Spirit* (2012), and *The Circular Incantation: An Exercise in Loss and Findings* (2013), and the novels *My House is a Mansion* (2015), *Uma Casa no Mundo* (Imprensa Nacional, 2021) and *Daria* (2021). *Uma casa no mundo* won the Imprensa Nacional/Ferreira de Castro Prize (Portugal).

No fim de tão longo e completo vômito, a sanita do Albuquerque Sandoval, este era o nome do senhor do engenho, no fim do seu prolongado vômito, a sua sanita estava de tal maneira cheia que o autoclismo não teve força suficiente para propulsionar a porcaria que dele tinha saído, propulsioná-la para baixo, para o fundo bem fundo onde nunca mais se pudesse tal espectral espetáculo ver nem cheirar. E o resultado foi que o próprio Albuquerque Sandoval, agora sentindo em si uma leveza de asa de borboleta pela alma acariciada, foi ele próprio encher enormes e pesados barris de água para conseguir empurrar a sua porcaria lá bem para baixo, para os fundos ventrais e escuros da terra. E, assim, talvez esses mesmos dejetos conseguissem nutrir algo que existia debaixo da terra, naquele seu inconsciente insondável, que muitas vezes consegue, para nossa esplêndida surpresa, trazer claras evidências à superfície, principalmente na primavera quando nos permite ver o verde que de si rebenta com a ajuda do sol e da atmosfera temperada de cima, esse verde que depois traz cores muitíssimo variadas, papoilas e margaridas, gladiolos e cravos, hortênsias e dalias e muitas mais plantas. A alquimia das alquimias. Tantas e tantas plantas que me é impossível aqui todas nomear nesta minha magra crônica, uma prosa alegórica sobre coisas tão fundamentais que mereceriam, com certeza, uma diatribe mais extensa que deliberasse profundamente, racionalmente, inteiramente sobre as leis e contra leis que tão mal nos têm governado: a nós, à Azânia e sua mãe, ao próprio Albuquerque Sandoval.

Foi a partir desse dia de vômito prolongado e visceral, e da lavagem, que ele, homem de repente transformado em criado de si mesmo, fez à sua própria sanita, foi a partir de então que Albuquerque Sandoval decidiu conceder a todos os seus escravos a carta de alforria. Sendo o primeiro escravocrata a fazê-lo naquela região, o seu ato causou no início grande escândalo, e mesmo enérgicas manifestações, que levaram ao correr de muito sangue nas várias fazendas de café misturando-se este ao negro da terra e ao verde do café ainda não maduro. Três cores para dizer a mesma coisa: deem vida à vida. Sandoval chegou mesmo a receber ameaças de morte por parte de outros seus compadres, e teve por isso que andar guardado por guardas de largas costas, aqueles maneáveis capoeiras de muito boa fama, esses que saltam mais que galos afoites, para que nada de ruim lhe acontecesse, a ele ao ex-senhor do engenho.

Depois a moda pegou e os escravos das outras regiões revoltaram-se contra os seus senhores e tanta revolta fizeram que estes no fim não tiveram outro remédio senão seguir o sublime caminho de Albuquerque Sandoval. A alquimia tinha resultado. Albuquerque é um nome importante, é só repararmos nas letras que o formam, no som que estas letras todas juntas produzem e na sua história antiga para notarmos que tal apelido é de facto um nome nobre. E sendo um nome nobre, tem que, mais cedo ou mais tarde, dar a conhecer a sua própria luz revelando-nos a sua grandeza de alma, a sua elevação moral, a sua generosa ação, o seu majestoso ato, o seu elevado conduzir. E foi isso que ele, Albuquerque, precisamente fez, demonstrando assim que quem o batizou tinha a plena consciência de que estava a iniciar algo de sacrossanto, algo que um dia viria a ser, manifestando-se em plena luz, deslumbrando o mundo inteiro: uma sagrada *eureka* não menor de calibre e gravidade do que a do próprio Einstein, a revelar-nos outras maneiras de ver, ser, imaginarmos o mundo, o universo, nós próprios.

Foi por isso, por tudo o que Albuquerque deixou ao mundo transparecer, depois da sua profunda lavagem, que Azânia agora existia. Ela era. Ela era de facto a sua mais bela filha ainda que não em termos sanguíneos pois que na verdade era filha de Manié e Mariqué, nascida de um escravo e de uma escrava que depois livres ficaram. Mas ela era a sua mais estonteante filha. Ser belo e livre. Livre à nascença. De tornozelos e pulsos adornados por esplêndidas bijutarias em vez de grossos cadeados que lhe corroeriam os movimentos e atrofiariam a alma. Mas o problema é que continuava atrás daquele balcão maneando-se com uma rapidez de quase escrava. E era precisamente esse balcão que impedia que Azânia atingisse todo o seu potencial e permitisse aos clientes que vinham de longe ver a total beleza da sua bijutaria, do seu inteiro ser. Azânia, Azânia, eu espero por ti. Faço-o todos os dias e chego mesmo a meditar uma doce prece para que tu possas vir a ver a plena luz do dia. Para que

possas, no espaço do aberto, passear os teus belos adornos e assim o sol cintile neles, e, depois, esse cintilar, ou beijo de *interlock*, consiga fazer remoinhos e remoinhos de luz em todo o planeta. Azânia. Espero por ti. Faço-o todos os dias. Primeiro, ao levantar-me, quando olho no espelho limpo da minha cómoda e vasculho a consciência que arde por detrás dos meus olhos, pois ainda que escondida por uma neblina espessa esteja, sei que vives aí. Faço-o ainda mais tarde, várias vezes ao longo do dia. Quando o sol bate o zénite do tempo e a diferença entre a noite e o dia não tem mais significado porque tem-se a plena certeza que estamos entre o tudo e o nada – esse local mediano que é em si só o ponto de perfeição.

Faço-o depois, ao anoitecer, naquele lusco-fusco, o ponto que fica entre o claro e o escuro, momento esse, que segundo minha mãe me diz, foi a altura exata em que nasci, menina a gritar em alto berro anunciando seu inteiro direito à vida. E depois faço-o ainda outra vez: quando me deito, olho novamente no espelho da minha cómoda para me lembrar que a consciência brilha de facto por detrás da minha menina-do-olho, brilha em pacato alumiar que por vezes parece um canto triste de pássaro que chama a sua mãe ou a primavera que ainda vem longe, essa prima de verdes exuberantes, finalmente cumprida, finalmente fértil, pronta para parir a primeira filha indubitavelmente livre. E depois, cansada do dia e dos frutos que não vi em suas plenas cores, faço-o uma última vez: nas viagens por onde os meus sonhos me levam quando ponho finalmente a cabeça no branco e limpo travesseiro. E então, aí, nessa viagem funda ao meu pleno inconsciente, a esse mar de líquidos espetacular, onde tudo e nada me é possível, onde a esperança do livre bule, aí nesse local prostrada, sei, em plena e visceral certeza que a tua potência, a tua potência Azânia, é de facto larga, e que sendo larga, não pode para sempre dormir no vale da zombificação. Tal uma bela que por tão bela ser não pode viver, e assim sendo, nada pode ensinar ao mundo, o que seria um eterno desperdício. Sei-o e, portanto, não desespere. Não desespere. Até que brilhes, em *full light*, as minhas preces, múltiplas e diárias, sempre continuarão. Como uma prolongada canção a chamar a filha que existe no fundo do meu ventre. Ventre ainda tão cheio de ovos. Ventre tão repleto de potencial.

Às vezes, a prolongada espera faz-me muito triste. Às vezes, deixa-me tão inerte que me apetece mesmo parar de rezar. Mas depois, em energética resolução, sei que não se pode passar da escravidão ao estado livre de um passo só, de uma noite para um dia. Não se pode deixar de ostentar odiosos cadeados e passar-se a usar bela bijutaria assim de um dia para o outro. E então resigmo-me ao meu trabalho. Azânia. Azânia.